

A CONSTRUÇÃO DA JORNADA DA HEROÍNA NA ESTRUTURA NARRATIVA DO ROMANCE JUVENIL *CORALINE*, DE NEIL GAIMAN

TELMA REGINA VENTURA*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 13 abr. 2025. Aprovado em: 28 abr. 2025.

Como citar este artigo: VENTURA, T. R. A construção da jornada da heroína na estrutura narrativa do romance juvenil *Coraline*, de Neil Gaiman. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 205-223, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p205-223

Resumo

O presente artigo propõe uma análise da obra *Coraline* (2003), de Neil Gaiman, a partir dos pressupostos teóricos estabelecidos pela analista junguiana Maureen Murdock (2022), quando define a Jornada da Heroína. Além de pontuar as interconexões estruturais entre a narrativa da obra e as etapas da referida jornada, este estudo visa destacar a relevância do diálogo entre Teoria Literária e Psicologia Analítica, a fim de obter uma compreensão mais ampla do *corpus* literário e ampliar horizontes da criação e análise artísticas.

* E-mail: dra.telmaventura@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-4955-5464>

Palavras-chave

Literatura juvenil. Neil Gaiman. Jornada da Heroína.

NEIL GAIMAN: PERCURSO ARTÍSTICO E PROJETO LITERÁRIO

Nascido na Inglaterra em 1960, Neil Gaiman demonstrou talento para as histórias em quadrinhos desde a infância; aos 20 anos, publicou sua primeira obra do gênero, intitulada *Violent Cases*, pela editora Titan, marcando o início de sua colaboração com o renomado ilustrador Dave McKean. Essa parceria foi mantida em diversas outras obras, com as carreiras de Gaiman e McKean permanecendo interligadas ao longo do tempo.

Gaiman alcançou notoriedade com a produção da série em quadrinhos *Sandman*, para o público adulto, sendo aclamado pela crítica e premiado com honrarias, como o World Fantasy Award – prêmio anual geralmente concedido apenas a obras em prosa, destacando sua influência e contribuição significativas na área da fantasia.

No Brasil, apesar de algumas tentativas de publicação da série *Sandman* que não obtiveram muito êxito – exceção feita à editora Conrad, que produziu volumes de alta qualidade –, a obra de Neil Gaiman começou a ganhar destaque e ser amplamente traduzida a partir de 1989 com a publicação de *Orquídea Negra*. Posteriormente, títulos como *Livros de Magia* (1991) e *Morte – O Preço da Vida* (2009) foram lançados com grande sucesso e boa aceitação pelo público brasileiro, conquistando fãs e admiradores de diversas faixas etárias até os dias atuais.

Explorando uma vasta gama de produções e colaborações, Neil Gaiman manteve-se ativo em diversos gêneros, incluindo romances, séries, histórias em quadrinhos e roteiros para televisão. Nos últimos anos, o autor tem dedicado maior atenção ao universo dos romances, lançando obras tanto para o público infantil quanto adulto, com destaque para o livro *Coraline* (2003), foco do presente artigo. Além disso, sua influência no cinema é significativa, tendo roteirizado filmes como *Beowulf* e as adaptações das suas obras *Stardust* (2007) e *Coraline* (2009), e os seriados *Good Omens* (2019-2025) e *Sandman* (2022-2025), também adaptações de suas obras.

A atuação de Gaiman em diferentes mídias ao longo de sua carreira destaca-se como um dos motivos principais de sua notoriedade como autor contemporâneo, mesmo após tantos anos de trajetória. Sua habilidade em transitar por diversos formatos, como romances, histórias em quadrinhos, roteiros para televisão e cinema, demonstra sua versatilidade e adaptabilidade aos desafios criativos de cada plataforma. Essa diversidade de experiências enriquece sua obra e amplia seu alcance, tornando-o um autor de destaque em um cenário literário em constante evolução.

Um exame da obra de Gaiman denota que as diversas mídias desempenham um papel crucial e influenciam significativamente sua produção criativa. Não é incomum observar que várias narrativas de sua autoria passaram pelo processo de adaptação e foram apresentadas em gêneros diversos. Esse domínio das diferentes formas de contar histórias é evidente, em especial considerando que o autor está diretamente envolvido no processo de adaptação dos próprios textos, assim como de obras de outros autores.

A consideração de Gaiman para com o público e sua busca pela satisfação não apenas dos leitores, mas também pelo entendimento e atendimento do mercado de produção, são traços distintivos de sua abordagem criativa; essa consciência do impacto de sua obra é evidente em sua escrita cuidadosamente elaborada e na seleção criteriosa de temas e estilos narrativos.

Tal abordagem ressoa com os postulados de Iser (1996) sobre os processos de elaboração dos efeitos estéticos sobre os leitores – e que está no cerne do interesse de Gaiman, em uma busca não apenas pelo entretenimento como também pela provocação de reflexões e reações dos leitores. Os principais efeitos são o medo e o encantamento, os quais envolvem o leitor em uma rede de mistério. A presença do suspense e do jogo na narrativa de Gaiman converge para tal objetivo, provocando uma gama de emoções no público, bem como demonstrando sua maestria na arte de contar histórias e manipular as reações dos leitores para alcançar os efeitos desejados.

O realismo presente nas narrativas de Neil Gaiman voltadas para o público infantojuvenil atrai e resgata elementos das histórias mais realistas do passado; por meio do medo e do estranhamento, o autor cativa leitores de diversas faixas etárias e demonstra a atualidade de seus escritos, além de propiciar que as crianças leitoras lidem com elementos temáticos mais sombrios de si mesmos e de suas relações. *Coraline* (2003) é um excelente exemplo disso, ao suscitar temas mais sombrios, porém demasiadamente humanos.

E CORALINE DESCOBRIU A PORTA

“Coraline descobriu a porta...” (Gaiman, 2003, p. 11). Assim começa essa história de terror tão humana: uma menina curiosa e entediada chamada Coraline, que pode se confundir com a própria narrativa, encontra uma porta em uma velha casa, repleta de mistério, sombras assustadoras, insetos e todo tipo de assombros. Contudo, observando mais de perto, essa narrativa revela-se como uma espécie de alegoria sobre o crescimento, o amadurecimento e a construção da própria identidade de uma adolescente.

Por essa razão, apesar de ser assustadora, a narrativa também gera identificação das leitoras. *Coraline*¹ transcende o gênero do terror e da fantasia ao explorar temas universais como a coragem, a busca pela identidade e a superação dos medos. Por meio de sua protagonista curiosa e corajosa, e das situações desafiadoras que ela enfrenta, a narrativa convida leitores a refletirem sobre as próprias jornadas de autodescobrimento, crescimento pessoal e aprendizagem por meio da experiência. O medo é deixado de lado, e a vontade de correr riscos surge como algo emocionante, e não perigoso.

Da mesma forma, tanto o fato de Coraline ser subestimada pelos adultos com quem convive quanto sua relação limitada com a família (composta por seu pai e sua mãe) são evidenciados na narrativa: a forma distante como os três interagem destaca como a família molda a identidade da criança e como os conflitos familiares influenciam seu desenvolvimento. É desse modo que a incompreensão se converte em revolta e se torna o motor da narrativa, levando a personagem a empreender sua jornada.

A relação de Coraline com a sua mãe, em específico, destaca como a família molda a identidade da criança e de que modo os conflitos familiares interferem em seu desenvolvimento: de início, a postura da mãe é revelada por meio de seus cuidados com a menina, refletindo preocupações comuns do ambiente familiar e da figura materna, como a necessidade de se agasalhar devido ao tempo frio para evitar problemas de saúde, e a atenção à alimentação da criança e seus horários determinados: “Sua mãe a fazia entrar para o jantar e o almoço. E Coraline tinha que se agasalhar bem antes de sair, pois o verão daquele ano estava muito frio [...]” (Gaiman, 2003, p. 14).

¹ Quando grafado em itálico, o termo “Coraline” se refere à obra/narrativa de 2003, e, ao ser grafado sem o itálico, ele denota a personagem.

Coraline é filha única e, como mencionado anteriormente, convive apenas com adultos; entretanto, sua personalidade, inteligente e curiosa, acaba irritando os pais, que estão ocupados com seus trabalhos e desejam apenas concluir suas tarefas. Em uma dessas discussões, a mãe sugere: “Leia um livro [...]. Assista a um vídeo. Brinque com seus brinquedos. Vá perturbar a senhorita Spink ou a senhorita Forcible, ou o velho maluco do andar de cima” (Gaiman, 2003, p. 14). E reitera: “Não me importo realmente com o que você vai fazer [...], desde que não faça bagunça” (Gaiman, 2003, p. 14). Nota-se, então, que a menina costuma ser deixada de lado pela família; ela deseja brincar e se divertir, mas os pais não conseguem acompanhá-la nesses momentos, chegando até mesmo a sugerir que ela vá “perturbar” os vizinhos.

A figura materna do romance é representada de uma maneira realista: uma mãe que trabalha, cuida do lar, da filha e se preocupa com seu bem-estar, mas que, em função de sua sobrecarga, não consegue estar disponível para Coraline o tempo todo, irritando-se em alguns momentos com a dependência da menina.

Uma das consequências da sobrecarga materna, aliada à falta de criatividade culinária do pai, é a ausência de comidas “gostosas” na geladeira². Inclusive, é exatamente no momento que a mãe sai de casa para repor as compras que a menina dá início à sua grande e assustadora aventura. A partir de então, surge a versão alternativa de sua mãe, oferecendo-lhe um delicioso almoço, com todas as habilidades que a menina sempre esperou que a mãe tivesse – inclusive a de realizar todos os seus desejos –, mas exigindo um alto preço por isso: Coraline deveria deixar a “outra mãe” costurar botões em seus olhos.

Nesse ponto, a “outra mãe” não possui uma descrição definida; uma mulher que “lembrava um pouco a mãe de Coraline”, e cuja única certeza que apresenta é que possui olhos de botões. Alguns elementos podem levantar pontos de divergência entre a mãe e a “outra mãe” de Coraline: a pele mais clara, a altura, a magreza excessiva, as grandes unhas afiadas e vermelhas, e seus longos dedos constantemente em movimento. Aqui, vale ressaltar que em nenhum momento o narrador nem Coraline afirmam ou negam com certeza se essa mulher realmente tinha semelhanças com a mãe. O jogo de contrastes é a única dica fornecida, usando a presença efetiva do que não é dito como um espaço de incerteza.

2 Tal elemento se torna significativo em função de que, ao atravessar a porta misteriosa, a personagem se deparará com uma mesa farta de comidas deliciosas – preparadas pela “outra mãe”.

Como mencionado anteriormente, a primeira ação de Coraline no mundo encantado é comer a deliciosa refeição³ preparada pela “outra mãe”. A protagonista nota que cada elemento que a desagrada no mundo real é melhorado para satisfazê-la nesse “outro mundo”; um duplo dos seus desejos no mundo real, enfatizando os contraentes entre os dois ambientes em que Coraline vive. Apesar da promessa de refeições saborosas e outras delícias, Coraline fica apavorada com a ideia de ter botões costurados em seus olhos como parte de um pacto com essa outra família, além do afeto artificial da “outra mãe. No entanto, Coraline não se deixa convencer inteiramente, usando sua inteligência para lidar com a situação.

Ainda sobre o aspecto físico da “outra mãe”, em certos momentos, ela é descrita com traços animalescos; em várias ocasiões, suas ações são equiparadas às de uma aranha. Dessa forma, suas expressões faciais e seu olhar enigmático a denunciam, mantendo Coraline em constante estado de alerta, já que nunca se pode ter certeza do que a “outra mãe” deseja, ou mesmo do que ela é. Apenas uma coisa é certa: ela está faminta. “Enquanto comia, sua outra mãe olhava-a fixamente. Era difícil discernir qualquer expressão naqueles olhos de botões negros, mas Coraline teve a impressão de que sua outra mãe também estava faminta” (Gaiman, 2003, p. 92).

À medida que a menina volta a se aproximar de sua mãe real, a “outra mãe” se enfraquece; sua postura assume a fúria de um animal encurralado, e não apenas ela, mas toda a teia urdida para capturar Coraline desfaz-se lentamente e a menina percebe a verdadeira natureza da “outra mãe”, compreendendo quanto foi ludibriada.

Quando enfim a “outra mãe” se retira, a mãe real da personagem reaparece, sendo descrita com adjetivos que a enaltecem enquanto reconhece o que sua ausência fez para a menina. Após toda a aventura, Coraline transforma-se, e a maneira como sua mãe surge revela essa mudança significativa. Ao discernir entre a realidade e a ilusão, a menina adota um comportamento mais maduro, demonstrando a capacidade não apenas de reconhecer o que é verdadeiro, mas também de valorizar o que realmente importa para si mesma.

3 Lembrando que a comida é uma das formas mais íntimas de conexão entre as pessoas, e é por meio do sentido do paladar e do ato de comer que a “outra mãe” tenta conquistar Coraline. Vale lembrar ainda que a alimentação é um ato carregado de afeto, e a recusa da menina em comer a comida preparada por sua família indica uma quebra de vínculo, revelando uma dinâmica familiar distante e pouco afetiva. Não é por acaso que a “outra mãe” usa isso como sua primeira estratégia para seduzir Coraline.

No desfecho da narrativa, observa-se o retorno à vida cotidiana, e as aventuras vivenciadas pela personagem contribuem para a superação de seus medos. Coraline emerge transformada, sem a necessidade de botões.

Nesse momento, os elementos que costumavam intimidar Coraline – como o retorno às aulas após as férias – passam a ser encarados de maneira natural. Enfrentando desafios maiores, demonstrando coragem apesar do medo, bem como lidando com frustrações, perigos e a solidão, a menina incorpora a força que adquiriu durante sua jornada em um mundo paralelo.

A JORNADA DA HEROÍNA NA ESTRUTURA DE CORALINE

Em 1990, Maureen Murdock publicou o livro *A jornada da heroína*⁴ como uma resposta ao modelo da jornada do herói proposto pelo antropólogo e mitólogo Joseph Campbell na obra *O herói de mil faces* (1995). Murdock, analista junguiana estadunidense, associou sua experiência clínica ao estudo de mitologia a fim de desenvolver um novo arcabouço teórico que demonstrasse o desenvolvimento psicológico da mulher contemporânea.

A premissa dessa nova jornada é a insatisfação e o sentimento de esterilidade que muitas mulheres expressam ao terem passado pela jornada do herói, e não terem sido, em face dos modelos dessa estrutura, *bem-sucedidas*. De acordo com a autora, esse vazio é o resultado de as mulheres seguirem uma jornada que nega aspectos de quem elas são.

Sendo assim, a Jornada da Heroína tem como princípio recuperar o significado da natureza das mulheres e valorizar o que é *ser mulher* em seus múltiplos significados⁵, questionando a dualidade do que é socialmente definido como *feminino* e *masculino*. Os postulados da obra de Murdock descrevem, destarte, dez estágios de um ciclo de desenvolvimento.

Aplicada à compreensão da estrutura narrativa⁶, a Jornada da Heroína não visa categorizar seres e fenômenos, tampouco enquadrar o desenvolvimento das personagens em arcabouços estanques, visto estar muito mais próxima

4 A edição brasileira foi publicada em 2022.

5 É importante ressaltar que o modelo apresentado não se enquadra necessariamente na experiência de todas as mulheres, nem se limita à experiência somente destas.

6 E, na mesma medida, nos processos de desenvolvimento psicológico.

de modelos abertos de análise, como um *rizoma*⁷ (Deleuze; Guattari, 1995). Portanto, ainda que para efeitos didáticos sejam descritos os dez passos da Jornada da Heroína sequencialmente, “tal sequência nem sempre se apresenta de forma linear, pois cada plano pode ser posto em relação a qualquer outro” (Martinez, 2008, p. 48).

Dito isso, passemos à compreensão dos modos que a narrativa de *Coraline* se estrutura em consonância com a Jornada de Murdock.

SEPARAÇÃO DO FEMININO

De acordo com Murdock (2022), a jornada começa quando a heroína, notando as dinâmicas da sociedade patriarcal em que vive – mesmo que de maneira inconsciente –, identifica o *feminino* como passivo, manipulador, inconstante e excessivamente emocional; em suma, “negativo”. Geralmente, é a figura da mãe que incorpora tais características; assim, ao compreender a maneira como a ordem social considera as características da figura materna *fracas*, a heroína busca separar-se dela: “[As mulheres] Passam a se definir em termos de déficits, em termos do que não têm ou do que ainda não conquistaram, e começam a obscurecer e desvalorizar a si mesmas como mulheres. Desvalorização da mulher começa com a mãe” (Murdock, 2022, p. 34).

A separação do feminino e, por conseguinte, a separação da mãe, não é algo simples; muitas filhas experienciam um conflito entre querer romper o laço e, ao mesmo tempo, conquistar o amor e aprovação de suas mães. Dessa forma, para conseguirem empreender a separação, muitas das heroínas transformam suas mães em imagens negativas, as quais elas devem rejeitar:

A imagem do ogro que negligencia a própria ou a mantém prisioneira é projetada sobre a mãe, que deve ser morta. A madrasta, como no conto de João e Maria, transforma-se na Bruxa Má e encontra a morte sendo lançada ao forno. A relação mãe/filha e a separação da mãe é tão complexa que, na maior parte da literatura feminina e nos contos de fadas, a mãe está ausente, morta ou é a vilã (Murdock, 2022, p. 38).

7 Para uma compreensão mais aprofundada e, ao mesmo tempo, simples do termo, acesse: <https://razaoinequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>

Em *Coraline*, a narrativa tem início com a personagem sentindo-se entediada e frustrada pelas férias não estarem sendo tão divertidas quanto imaginava, já que a família se mudara para uma casa nova e isolada da cidade. Todos os dias eram iguais, e ninguém tinha tempo para ela. Desconsiderada por seus pais, pois estes estavam ocupados com o trabalho e não davam a atenção que ela queria, Coraline decidiu explorar e buscar aventuras fora do ambiente doméstico sozinha, afastando-se da mãe: “No dia seguinte ao da mudança, Coraline começou a exploração” (Gaiman, 2003, p. 12).

Durante a exploração do ambiente e da vizinhança, Coraline conhece a senhorita Spink e a senhorita Forcible – duas ex-atrizes que moram juntas no apartamento abaixo da casa da menina. Tais figuras femininas acompanham a heroína durante toda sua jornada, ora como aliadas, ora como oponentes ao desenvolvimento da personagem.

IDENTIFICAÇÃO COM O MASCULINO

O primeiro estágio da Jornada da Heroína acontece de forma simultânea com o segundo: a jovem protagonista, ao notar que certas pessoas, posições e eventos têm mais valor que outras, busca para si a independência, a autoridade e o reconhecimento representados pelo *masculino*. Sendo a *filha do pai*, busca a aprovação e o poder desta primeira figura masculina e, no decorrer dessa fase, depara-se com outros elementos socioculturais de ordem *masculina*. Murdock cita que a heroína busca, nessa etapa, emular o comportamento do pai, não apenas para se identificar com ele, mas também para não se tornar sua mãe:

A relação de uma jovem com seu pai a ajuda a ver o mundo através dos olhos dele e a se ver refletida nele. Ao procurar a aprovação e a aceitação do pai, ela mede a própria competência, inteligência e seu valor próprio em relação a ele e a outros homens. A aprovação e o incentivo do pai à menina levam a um desenvolvimento positivo do ego. [...] As mulheres que se sentem aceitas pelos pais têm a confiança de que serão aceitas pelo mundo (Murdock, 2022, p. 51).

Nesse ponto de *Coraline*, a protagonista busca seu pai e lhe pede sugestões e orientações sobre o que fazer durante suas férias na nova casa, a fim de não se sentir tão entediada. O pai, por seu turno – e sem prestar atenção real às necessidades da filha de tão envolvido com o próprio trabalho – sugere que

ela percorra a casa fazendo listas: quantas janelas a casa tem; quantas portas a casa possui; tudo o que é azul:

— Então explore o apartamento — sugeriu o pai. — Olha, aqui tem um pedaço de papel e uma caneta. Conte todas as portas e janelas. Faça uma lista de tudo o que for azul. Organize uma expedição de busca ao aquecedor de água central. E me deixe trabalhar em paz (Gaiman, 2003, p. 16).

Ao fazer o que o pai sugeriu, Coraline encontra *a porta*. Destarte, podemos pensar que o *masculino* leva a menina ao ponto-chave do início de toda a sua jornada. O *masculino*, representado pelo pai, apoia a exploração, consequentemente afastando-a da mãe, além de incitar a heroína a dar início à sua busca por si mesma.

O CAMINHO DE PROVAS

A heroína, ao romper com a sociedade em que vive e deixar seus entes queridos para trás, dá início à sua jornada. Este é o momento em que a aventura, de fato, começa:

A heroína atravessa o limiar, deixa a segurança da casa dos pais e sai em busca de si mesma. Sobe colinas e desce vales, percorre rios e riachos, atravessa desertos áridos e florestas escuras até entrar no labirinto, indo ao encontro do que está no centro do seu eu. Pelo caminho, ela encontra ogros que a enganam para levá-la a becos sem saída, adversários que desafiam sua astúcia e determinação, e obstáculos que ela deve evitar, contornar ou superar. Ela precisa de uma lamparina, de muitas costuras e de toda a calma possível para fazer esta jornada (Murdock, 2022, p. 67).

A partir de agora, a heroína se aventura sozinha pela estrada de provas, de forma a descobrir seus pontos fortes e habilidades, bem como desmascarar suas fraquezas. Em Murdock (2022), este é o ponto em que as mulheres deixam a segurança do conhecido e partem em direção ao desconhecido, enfrentando desafios: “O dragão mais desafiador de todos, porém, é aquele réptil social que lhe diz sorrindo ‘Sim, querida, você pode fazer tudo o que quiser’ enquanto continua sabotando o seu progresso” (Murdock, 2022, p. 69).

Na estrutura de *Coraline*, o caminho de provas da protagonista se revela a partir do momento em que ela encontra a *porta* – grande, de madeira escura esculpida, no canto mais afastado da sala de estar, que chama sua atenção de imediato e a faz querer abri-la. Sem sucesso, já que não possuía as chaves certas, Coraline chama a mãe e pergunta sobre a tal porta. Ambas pegam as chaves e a abrem, mas ela dá para uma parede de tijolos. A mãe, ignorando a curiosidade da menina e seu desejo de explorar para além, fecha-a:

— Quando esse lugar ainda era uma única e mesma casa — explicou a mãe de Coraline —, essa porta abria para algum lugar. Quando dividiram a casa em apartamentos, eles simplesmente a bloquearam com tijolos. Do lado de lá, fica o apartamento vago da outra parte da casa, o que ainda está à venda. Ela fechou a porta e recolocou a corrente de chaves no alto do batente da cozinha (Gaiman, 2003, p. 16).

Coraline, no entanto, não se conforma: na ausência da mãe, torna a pegar a chave da porta misteriosa: “A velha chave escura era mais fria do que todas as outras. Coraline enfiou-a na fechadura. Ela girou facilmente, com um *clunk* satisfatório” (Gaiman, 2003, p. 32).

E, assim, a heroína, com coragem para desmistificar as vozes desmerecedoras de seus parceiros e mentores – no caso da protagonista, de sua mãe real –, retoma a responsabilidade pela própria jornada.

A DÁDIVA ILUSÓRIA DO SUCESSO

Depois de um período de provações se segue o de sucesso: a heroína, mulher assertiva, independente e inteligente, desfruta das recompensas pelo seu esforço, sentindo que está no topo do mundo. Contudo, tal sensação é passageira, visto que o sucesso, em vários aspectos, é empolgante, mas logo se choca com as demandas; é quando a heroína se encontra sem energia e tempo para aguentar tudo que é exigido: agora, ela sente que nunca será suficiente. E, acrescido a isso, a heroína tem de lidar com o fato de que não importa o quão bem-sucedida ela seja, o mundo exterior é hostil às suas escolhas:

O que muitas heroínas querem é exatamente o que seu pai queria e não valorizava: alguém que cuidasse dele. [...] Querer descansar, ser cuidadas e

aceitas pelo que são, não pelo que fizeram. Há um enorme anseio pelo que parece ‘perdido’, mas elas não sabem o que está faltando e, por isso, preenchem a dor com mais atividades (Murdock, 2022, p. 87).

Então, em vez de lidar com este vazio latente, a heroína busca ainda mais atos de heroísmo por meio de novas conquistas; nesse sentido, a mulher não consegue desfrutar do sucesso de algo bem-feito, pois tão logo terminou algo, já está ocupada – ou se cobrando – com outra coisa.

Nesse ponto da narrativa, o sucesso de Coraline é apenas ilusório. Ela abriu a porta, conseguindo o que desejava; mas o preço a pagar será maior do que imagina: ao adentrar o “Outro Mundo” – uma espécie de submundo ou realidade alternativa sombria –, a heroína confronta seus medos e a ameaça representada pela “outra mãe”. É uma realidade distorcida e assustadora a ser enfrentada pela menina, ainda que tenha ali tudo o que desejou: boa comida, atenção dos pais e diversão. Contudo, do lado de lá da porta, naquele mundo quase igual ao seu, tudo parecia um pouco errado.

Apesar da promessa de refeições saborosas refeições e outras delícias, a menina foge assustada: o preço a pagar por receber tudo o que deseja é ter botões costurados aos seus olhos, além do afeto forçado da “outra mãe” – tal ideia assombrosa funciona como um pacto com essa outra família no “Outro Mundo”:

— Há somente uma coisinha que precisamos fazer para que possa ficar aqui para sempre.

Foram até a cozinha. Em um prato de porcelana sobre a mesa, achavam-se um carretel de linha preta de algodão, uma longa agulha de prata e dois grandes botões negros.

— Acho que não quero — disse Coraline.

— Oh, mas queremos que fique — insistiu a outra mãe. — Queremos que fique. É só uma coisinha à toa.

— Não vai doer — disse o outro pai.

Coraline sabia que quando os adultos falavam que alguma coisa não ia doer, quase sempre doía. Balançou a cabeça.

Sua outra mãe abriu um grande sorriso. Os cabelos em sua cabeça flutuavam como plantas no fundo do mar.

— Queremos apenas o melhor para você (Gaiman, 2003, p. 48-49).

Por não haver aceitado ter seus olhos costurados com botões, como a “outra mãe” impôs, Coraline tem seus pais reais sequestrados por essa figura,

como punição e método de chantagem e barganha. Assim, a heroína da narrativa vê-se obrigada a retornar ao “Outro Mundo” a fim de resgatá-los.

DESPERTAR PARA A ARIDEZ ESPIRITUAL: MORTE

A sensação de estar dessincronizada consigo mesma, consequência de um esforço por uma ilusão, é seguida de um aviso mais urgente do corpo: a heroína pode adoecer ou passar por dificuldades para se recuperar de uma condição grave. Algo está errado. Esta sensação de perda que as mulheres experienciam nesse momento é um anseio pelo *feminino*, um desejo pela sensação de *casa* dentro de seus próprios corpos e comunidades. Murdock (2022) descreve esse período como o de “seca”, no qual as heroínas já não se sentem férteis em vários aspectos e de inúmeras maneiras na vida; como se pode notar no seguinte trecho de *Coraline*:

Acordou no meio da noite e foi até o quarto dos pais, mas a cama continuava arrumada e vazia. Os números fosforescentes no relógio digital brilhavam 3h12 da manhã. Totalmente só, no meio da noite, Coraline começou a chorar (Gaiman, 2003, p. 53).

As heroínas, então, devem aprender a *ser* e não mais *fazer*, ouvindo sua voz interior – o que significa silenciar, simplesmente dizendo *não*. Coraline disse *não* à “outra mãe” e pagou um preço alto, mas isso não a impede de retomar o controle da situação.

INICIAÇÃO E DESCIDA PARA A DEUSA & ANSEIO URGENTE DE RECONEXÃO COM O FEMININO

Na estrutura narrativa de *Coraline*, dois momentos da Jornada da Heroína se entrelaçam: “Iniciação e descida para a Deusa” e “Anseio urgente de reconexão com o feminino”. Isso se dá quando a personagem retorna ao “Outro Mundo” para enfrentar a “outra mãe” (Iniciação e descida...), sentindo a urgência de resgatar sua mãe real, pois, ao se lembrar dela, Coraline sente um aperto no coração (Anseio urgente...); queria estar de volta em casa, onde sabia que era verdadeiramente amada.

Assim, de acordo com Murdock (2022), a heroína inicia a fase de recolhimento, caracterizada como uma jornada ao submundo (a noite escura da alma, a barriga da baleia, o encontro com a deusa obscura – ou uma depressão). A teórica postula que as mulheres fazem esta jornada ao submundo quando um papel em específico chega ao fim, seja ele de filha, mãe, amante ou esposa, e uma nova identidade precisa ser construída: “A mulher desce às profundezas para recuperar as partes de si mesma que se separaram no momento em que rejeitou a mãe e estilhaçou o espelho do feminino” (Murdock, 2022, p. 112). Nesse caminho, muitas coisas serão encontradas; de fato, a heroína também viaja ao seu centro para encontrar a deusa obscura e ter consciência (apesar do medo) do que essa figura interior pode fazer em sua vida.

Ao empreender essas etapas, Coraline encontra pedaços e destroços de si mesma que foram negados e silenciados; ao retornar do “Outro Mundo”, ela sente uma urgência de se reconectar com essas partes, que se identificam com a sua mãe real. As feridas, enfim, começam a cicatrizar.

“Coraline sabia que precisava salvar seus pais. Sentiu uma onda de determinação e amor por eles que nunca tinha sentido antes” (Gaiman, 2003, p. 58). É assim que a heroína se coloca na situação, com determinação e um novo amor por seus pais. E desce, enfrentando ogros e dragões, sabotadores internos e externos, e a “outra mãe”. Todavia, com a alquimia entre a astúcia (*feminino*) e a inteligência (*masculino*) recém-desenvolvida, Coraline derrota a “outra mãe”. E tranca a porta.

Voltando cansada ao mundo real, a personagem dorme na sala de estar, ao lado da porta. Horas mais tarde é acordada pela voz de sua mãe real:

— Coraline? — disse ela. — Querida, que lugar estranho para dormir. E essa sala é, realmente, só para ocasiões especiais. Procuramos por você em toda a casa.

Coraline se espreguiçou e piscou (Gaiman, 2003, p. 133).

CURA DA DIVISÃO MÃE/FILHA

A urgência que a heroína sente de reconectar-se com o *feminino* logo se traduz na cura da divisão mãe/filha; a ferida causada por tal divisão vai além da relação com sua própria mãe: ela é sobre o desequilíbrio de valores

causados pela sociedade. A heroína compreende o papel que renegou à mãe, a culpa injusta que incumbiu a ela, e finalmente percebe que os sentimentos de inadequação provêm de uma cultura que glorifica o masculino.

A cura dessa ferida acontece quando a heroína volta seus esforços para uma nova forma de olhar o papel da afiliação; assim, a cura, em geral, envolve a união com outras mulheres, resgatando umas nas outras valores que ficaram silenciados, e buscando o sentimento de comunidade. Juntas, as heroínas idealizam uma mulher forte e carinhosa que não tem a necessidade de dominar os outros para exibir seu poder, mas que as guia para uma nova ordem: “As mulheres encontram a coragem para superar seus medos pessoais enquanto são auxiliadas por uma comunidade de mulheres de todas as idades” (Murdock, 2022, p. 137).

No momento em que acorda e compreende que sua vida (exterior, representada pela segurança dos pais e pela própria) voltara ao normal, Coraline se alegrou e, levantando-se da cadeira onde estava deitada: “[...] abraçou a mãe com tanta força que seus braços começaram a doer. Sua mãe abraçou-a de volta” (Gaiman, 2003, p. 133). Ela entende sua mãe real e passa a valorizá-la, percebendo que o amor genuíno, apesar de imperfeito, é mais importante do que a atenção superficial.

Enfrentando a “outra mãe”, Coraline rejeitou a ilusão e reafirmou seu próprio valor e sua identidade, e, a partir disso, decidiu explorar a sua própria realidade – a qual era, na dimensão externa, idêntica ao tempo anterior à sua descida ao “Outro Mundo”, mas completamente diferente em face do tempo interno da heroína da narrativa. Assim, visitou o seu quarto, foi à cozinha e, então, “[...] percorreu o corredor até o estúdio de seu pai” (Gaiman, 2003, p. 135).

CURA DO MASCULINO MACHUCADO & INTEGRAÇÃO DO MASCULINO E FEMININO

O pai de Coraline a recepciona com um sorriso:

Ele estava de costas para ela, mas ela sabia, na mera observação, que seus olhos, quando ele virasse, seriam os olhos cinzentos e bondosos de seu pai, e ela subiu e beijou-o por trás de sua cabeça já um pouco careca [...].

Ele desligou o computador, levantou-se e, sem motivo algum, pegou Coraline no colo, coisa que não fazia havia muito tempo, pelo menos não desde que

começara a dizer que ela já estava grande demais para ser carregada. E, dessa maneira, levou-a para a cozinha (Gaiman, 2003, p. 135).

O *masculino*, assim como o *feminino*, é uma força arquetípica, não um gênero. Murdock (2022) compreende que, assim como o feminino, o masculino pode ser frio e desumano, sem considerar nenhum desejo ou sentimento por parte da heroína, exigindo perfeição, bem como controle e domínio; entretanto, ele também pode ser um masculino sensato e gentil, que saberá respeitar o equilíbrio criativo individual. Ao recepcionar sua filha com um sorriso, **desligando o computador** e lhe dando atenção, o pai de Coraline – ao contrário do que ocorria no início da narrativa – atua como esse masculino acolhedor, atencioso e disponível para amparar o desenvolvimento da menina.

Ao respeitar o feminino de sua filha como um igual, livre para fazer as próprias escolhas, liberta da repressão e do silenciamento, a heroína – via cura do masculino e integração de polaridades – aproxima-se de curar suas feridas e divisão interna: “Através do casamento sagrado, o hieros gamos, a união de todos os opostos, a mulher lembra de sua verdadeira natureza” (Murdock, 2022, p. 198).

Coraline, então, recupera o equilíbrio dessa (aparente) polaridade, pois ela, assim como todos, possui uma personalidade dual. O processo do “casamento sagrado” da personagem é muito bem representado na cena em que o pai pega a menina no colo – “mesmo que ela já estivesse muito crescida para andar no colo” (Gaiman, 2003, p. 135) – e a leva para a cozinha, onde ele, a mãe e Coraline comem uma pizza⁸:

O jantar daquela noite era pizza e, embora tivesse sido feita em casa pelo pai (e, portanto, a borda estava alternadamente grossa, pastosa e crua, ou então muito fina e queimada), e seu pai tivesse colocado fatias de pimentão verde, pequenas almôndegas e, sobretudo, pedaços grandes de abacaxi, Coraline comeu todo o pedaço que lhe foi servido. Bem, comeu tudo menos os pedaços grandes de abacaxi (Gaiman, 2003, p. 136).

Ao aceitar o colo do pai e comer uma pizza, com ele e a mãe, Coraline se une em harmonia e respeito mútuo com seu masculino e seu feminino, os quais,

⁸ E retorna-se à simbologia da comida, do devoramento e do alimento enquanto elemento de transmissão de afeto, como colocado no início do artigo.

reunidos, possibilitam que a heroína corte os laços que atavam seu ego ao passado e crie uma nova ordem, em que sua identidade – antes dual, agora em um amoroso casamento sagrado – pode florescer.

Fim *dessa* jornada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da história, “Coraline descobriu a porta [...]”, ecoa a jornada da protagonista rumo à descoberta de si mesma. Assim como a Jornada da Heroína proposta por Maureen Murdock, *Coraline* mergulha nas complexidades do amadurecimento e da identidade, apresentando uma narrativa que transcende o gênero do terror ao explorar temas universais como coragem, identidade e superação dos medos.

Coraline, uma pré-adolescente curiosa e corajosa, é confrontada com a alienação dos adultos ao seu redor e com a limitada atenção de sua família. Enquanto busca por aventura e significado, ela se depara com uma porta misteriosa em uma casa antiga, desencadeando uma jornada que desafia suas percepções de realidade e ilusão. A relação distante com sua mãe, simbolizada pela falta de tempo e compreensão, destaca como os conflitos familiares moldam a identidade da criança. Essa desconexão impulsiona Coraline em sua jornada, na qual ela enfrenta uma versão distorcida de sua mãe e seus próprios medos mais profundos.

A narrativa, entrelaçada com a estrutura da Jornada da Heroína, apresenta Coraline passando por estágios de autoconhecimento e transformação. Enquanto enfrenta a sedução e os perigos do “Outro Mundo”, é confrontada pelas próprias fraquezas e pelos desejos mais íntimos. A “outra mãe”, com seus olhos de botões e promessas tentadoras, representa a tentação de viver em uma realidade ilusória, em que todos os desejos são realizados. No entanto, Coraline não se deixa enganar e usa sua inteligência e coragem para desvendar a verdade por trás da fachada. À medida que a narrativa se desenrola, Coraline emerge transformada, mais consciente de si mesma e de suas relações com os outros. Sua jornada culmina na reconciliação com sua mãe real e na aceitação da complexidade da vida; o medo é superado pela coragem e a ilusão cede lugar à realidade.

Como na jornada da heroína proposta por Murdock, *Coraline* é uma história de autodescobrimento e crescimento pessoal, em que a protagonista enfrenta desafios e adversidades para se tornar a heroína da própria vida. Ao final, Coraline emerge não apenas como uma sobrevivente, mas como uma pessoa mais forte e consciente de si mesma e do mundo ao seu redor.

A obra de 2003, destarte, representa a exploração profunda de si mesma e a busca pela identidade, agência e jornada da protagonista rumo à plenitude. Ao se envolver com motivos arquetípicos e temas psicológicos, Neil Gaiman cria uma narrativa que ressoa com os leitores em múltiplos níveis, convidando à reflexão e introspecção. Por meio da jornada de Coraline, somos lembradas do poder da coragem, resiliência e autodescoberta na navegação pelas complexidades da vida.

The construction of the heroine's journey in the narrative structure of the young adult novel *Coraline* by Neil Gaiman

Abstract

This article presents an analysis of the novel *Coraline* (2003), by Neil Gaiman, based on the theoretical framework established by Jungian analyst Maureen Murdock (2022) in her definition of the Heroine's Journey. In addition to outlining the structural interconnections between the narrative and the stages of this journey, the study aims to highlight the relevance of the dialogue between Literary Theory and Analytical Psychology in order to achieve a broader understanding of the literary corpus and to expand the horizons of artistic creation and analysis.

Keywords

Young Adult Literature. Neil Gaiman. Heroine's journey.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GAIMAN, N. *Coraline*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2003.

ISER, W. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARTINEZ, M. *A jornada do herói*. São Paulo: Annablume, 2008.

MURDOCK, M. *A jornada da heroína*. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.